



— Vitória da coligação de Netanyahu e sua visão de mundo preconceituosa teria sérios efeitos

# Ideologia sionista enfrenta desafios existenciais

Criança com bandeira de Israel em protesto contra Netanyahu em Tel-Aviv



## ARTIGO

**Yuval Noah Harari**  
The Washington Post  
É autor de 'Sapiens' e professor de história na Universidade Hebraica de Jerusalém

**E**nquanto Israel marca seu 76.º aniversário esta semana, sob a sombra do massacre do 7 de Outubro e da guerra em Gaza, a ideologia sionista subjacente ao país está sendo questionada. Vários grupos distorcem e transformam o termo "sionismo" em arma, descrevendo-o como uma forma maligna de tribalismo ou mesmo de racismo. Para compreender os acontecimentos recentes em Israel, bem como a história tumultuada do país, é necessário esclarecer o que o sionismo realmente significou ao longo dos seus 150 anos de existência.

Nascido no fim do século 19, o sionismo moderno é um movimento nacional semelhante aos que surgiram no mesmo período entre gregos, poloneses e muitos outros povos. A ideia central do sionismo é que os judeus constituem uma nação e, como tal, têm não apenas direitos humanos individuais, mas também um direito nacional à autodeterminação. Nada nesta ideia sionista implica que os judeus sejam superiores aos outros, sejam eles gregos ou poloneses – ou palestinos. A ideia de que os judeus constituem uma nação tampouco nega necessariamente a existência de uma nação palestina com direito à autodeterminação, ou os direitos humanos dos palestinos individuais.

A equiparação do sionismo com o racismo – uma alegação



## Escolhas

*Partidos sionistas da oposição ainda podem destituir Netanyahu e conduzir Israel em uma direção mais tolerante e pacífica*

DEBBIE HILL/REUTERS - 12/5/2024

que persiste muito depois de uma resolução da ONU de 1991 ter revogado uma resolução anterior nesse sentido – é, portanto, não só falsa, como também está manchada de racismo. Proibir o sionismo implica que os judeus não podem ter aspirações nacionais legítimas, ao contrário de todos os outros povos. Quando um dos líderes dos recentes protestos na Universidade Columbia afirmou que "os sionistas não merecem viver", estava, na verdade, argumentando que os judeus que nutrem aspirações nacionais deveriam ser sistematicamente mortos. Quando outros manifestantes entoaram slogans como "Não queremos sionistas aqui", talvez pensassem que estavam expressando hostilidade contra o racismo, mas na verdade apelavam ao assédio e à expulsão de quaisquer judeus que tivessem sentimentos nacionais.

É claro que alguns sionistas – tal como os adeptos de todos os outros movimentos nacionais – podem ser racistas ou intolerantes. As relações entre os países são frequentemente repletas de tensões, ódios e até atrocidades, especialmente quando eles têm exigências territoriais conflitantes. Quase todos os movimentos nacionais na história incluíram linhas duras que fizeram exigências maximalistas e moderados dispostos a fazer concessões. O sionismo não é exceção.

Não podemos fazer jus aqui às muitas tensões que existi-

ram dentro do sionismo ao longo dos últimos 150 anos, nem ao impacto que acontecimentos como o Holocausto e as várias guerras árabe-israelenses tiveram no sionismo. O que está claro é que, ao longo das gerações, muitos sionistas negaram o direito à nacionalidade palestina e reivindicaram todo o território entre o Mar Mediterrâneo e o Rio Jordão, bem como territórios adicionais a leste do Jordão, na Península do Sinai e em outros lugares.

## Solução pacífica Tanto judeus quanto palestinos merecem viver com dignidade e segurança em seu país de nascimento

Mas outros sionistas tinham opiniões muito mais sensatas e estavam dispostos a se contentar com muito menos. David Ben-Gurion e a maioria dos sionistas abraçaram em 1947 o plano de partição da ONU que determinava o estabelecimento de um Estado palestino ao lado de um Estado judeu. Foi a rejeição palestina a este plano que levou à eclosão da primeira Guerra Árabe-Israelense (1948-1949). Entre 1949 e 1967, a política de Israel consistiu em alcançar a paz e a normalização com o mundo árabe com base nas fronteiras de 1949, renunciando em grande parte às reivindicações de territórios adicionais, como a Cisjordânia

e a Faixa de Gaza. Durante o Processo de Paz de Oslo da década de 90 e nas décadas seguintes, a "solução de dois Estados" – que reconhece a nação palestina e o seu direito à autodeterminação – gozou de amplo apoio entre os israelenses. Este ainda é visto por muitos sionistas como o melhor caminho a seguir, embora ao longo da última década o apoio tenha caído de quase dois terços dos israelenses para um terço, segundo pesquisa da Gallup.

Nada disso impressionará as pessoas que argumentam que os judeus não têm nenhum direito no território entre o Mar Mediterrâneo e o Rio Jordão. Esta, no entanto, é uma argumentação curiosa, dado que os judeus têm mantido uma presença contínua naquela terra, e uma profunda ligação cultural e espiritual com ela, durante cerca de 3 mil anos. Mesmo que rejeitássemos todas essas afirmações históricas, e mesmo que considerássemos o projeto sionista do início do século 20 totalmente injustificado, o fato é que, em 2024, havia mais de 7 milhões de judeus vivendo entre o Mediterrâneo e o Jordão. O que eles deveriam fazer? A maioria deles nasceu em Israel e não é bem-vinda em nenhum outro lugar do mundo. Eles agora constituem claramente uma nação. Negar a existência destes 7 milhões de pessoas ou das suas aspirações nacionais conduzirá a novos conflitos, com potencial nuclear. Uma solução pacífica

só pode ser garantida reconhecendo que, tal como as coisas estão em 2024, tanto os judeus como os palestinos merecem viver com dignidade e segurança no seu país de nascimento.

**SOLUÇÃO DE UM ESTADO.** Alguns argumentam que a forma ideal de garantir os direitos tanto dos judeus como dos palestinos é estabelecer um Estado democrático entre a Jordânia e o Mediterrâneo. Os defensores do ideal de um Estado único apontam ocasionalmente o sionismo como o principal ou o único obstáculo à sua solução preferida. Esta crítica, no entanto, é injusta.

Embora, em tese, uma solução de Estado único pudesse de fato garantir os direitos de todos, a história é, infelizmente, resistente à meras teorias. Muitos sonhos teóricos se revelaram pesadelos históricos. Uma sociedade comunista parecia boa no papel, mas a tentativa de realizar o sonho na União Soviética e em outros lugares matou milhões. Um único Estado iugoslavo comum aos sérvios, croatas, eslovenos, bósnios e outros grupos étnicos também parecia uma grande ideia, mas a realidade não era tão boa assim. Em 2003, o governo Bush imaginou que poderia transformar o Iraque em uma democracia liberal pela força das armas, mas as coisas não correram conforme o planejado.

Dada a história complexa e violenta das relações entre judeus e palestinos ao longo dos últimos 150 anos, uma tentativa de impor à força uma solução de Estado único a estes grupos étnicos rivais poderia muito bem levar à guerra civil, à limpeza étnica ou ao estabelecimento de uma ditadura ☹